

**Apresentação da Biblioteca Cosmos pelo
Prof. Bento de Jesus Caraça**
(publicada no primeiro volume da coleção)

Com O Homem e o Livro, do engenheiro M. Iline, inicia-se hoje a publicação da Biblioteca Cosmos. Não será talvez descabido dar ao leitor, juntamente com este primeiro volume, as razões e directrizes desta empresa.

A que vem a Biblioteca Cosmos?

Podemos resumir nestas poucas palavras os seus intuitos — dar ao maior número o máximo possível de cultura geral, tornar acessível a todos aquilo que as condições materiais de vida e as necessidades profissionais da especialização tornam sempre difícil, e por vezes mesmo impossível, adquirir — uma visão geral do mundo, mundo físico e mundo social, da sua construção, da sua vida e dos seus problemas.

Quando falamos em tornar acessível, entendemo-lo de duas maneiras — pelo preço dos volumes, o qual será tão baixo quanto possível, e pela forma de tratar os problemas, que será simples, concisa, em linguagem ao alcance de todos.

Procurará realizar-se a síntese destas duas exigências — simplicidade máxima na forma de exprimir, rigor máximo na forma de expor. Obra de vulgarização, procurará sê-lo no sentido alto do termo — aquela vulgarização que não abaixa nem deturpa, que traz ao nível do homem comum o património cultural comum.

Tal directiva procede duma determinada maneira de encarar a civilização, no seu estado presente e no seu desenvolvimento através dos tempos.

À opinião, frequentemente defendida, de que a marcha da civilização e o progresso da cultura são obra exclusiva das elites, contrapomos a de que são o produto da acção de todos os homens, a de que há uma corrente, profunda e una, de que todos participam, limitando-se as elites, quando de facto o são, a dar estruturação intelectual ao corpo orgânico de que participam. Vemos as elites, não como causas exclusivas do progresso, mas como obreiros mais ou menos potentes, trabalhando em campos de acção mais ou menos extensos, dum processo de evolução que as condiciona e lhes marca os moldes dentro dos quais a sua acção pode utilmente produzir-se.

Daqui resulta o considerar-se a cultura como não devendo ser monopólio de classe ou grupo, o julgar-se que o homem-comum, como participante da obra única, tem o direito a que a cultura seja posta ao seu alcance.

Mas a questão não se limita a este simples aspecto do direito à cultura; ela põe-se, também, no campo da possibilidade. É possível pôr ao alcance de todos a cultura geral? não existem porventura, no conjunto das ideias fundamentais da estruturação intelectual, domínios não acessíveis, ou só acessíveis a iniciados? Não é verdade que, como se vê afirmar com frequência, vulgarizar é sempre abaixar?

Entendamo-nos. Em cada ramo do conhecimento há o que é do domínio do especialista e o que é do domínio geral, aquilo que só uma vida inteira de trabalho consegue apreender (quando o consegue) e aquilo pelo qual esse ramo entronca na corrente geral das ideias e da civilização.

Para darmos um exemplo tirado duma ciência que nos é familiar, diremos que o conhecimento da moderna teoria da integração, da teoria das matrizes ou da das estruturas é com o matemático-técnico; que o conhecimento das ideias mestras da Análise Infinitesimal e sua filiação na história da Física e da Filosofia é com o matemático-homem-comum, como com o tipógrafo, o médico ou o agricultor. Do mesmo modo, a maneira de abrir a terra, de semear e colher é com o agricultor-técnico, ao passo que o significado da agricultura e dos seus problemas na vida social é com o agricultor-homem-comum como com o médico, o matemático e o tipógrafo.

O que se pretende vulgarizar é, precisamente, o que pertence ao domínio geral e aí não há nada que não possa ser apreendido pelo comum dos homens. é a eles que é dirigida esta Biblioteca. é pensando neles, e nos diferentes graus de cultura geral e profissional que possam ter, que se procura a síntese do máximo de rigor com o máximo de simplicidade. é pensando neles, nos seus direitos e nas suas possibilidades, que nos propomos vulgarizar sem deturpar nem abaixar.

Um outro pensamento nos guia ainda. Seja qual for o resultado imediato da convulsão que o mundo presentemente atravessa¹, uma coisa é certa — que, uma vez passado o período agudo dessa convulsão (e parece que vamos entrar nele) há-de ser necessário recorrer a todas as energias do homem para fazer a reconstrução da sociedade. Quando acabar a tarefa dos homens que descem das nuvens a despejar explosivos, começará outra tarefa — a dos homens que pacientemente, conscientemente, procurarão organizar-se de modo tal que não seja mais possível a obra destruidora daqueles. Então, com o estabelecimento de novas relações e novas estruturas, o homem achar-se-á no centro da sociedade numa posição diferente, com outros direitos, outras responsabilidades. É toda uma vida nova a construir, dominada por um humanismo novo.

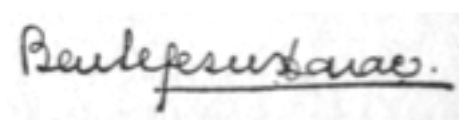
Essa tarefa grandiosa exige uma tensão ao máximo das capacidades e das energias, um apetrechamento intelectual sem o qual não se pode ser, em nada, um bom obreiro. A primeira condição para que isso seja possível é que o homem tenha confiança em si próprio, no seu poder de trabalhar, construir e organizar; que, olhando para trás e fazendo o balanço das coisas adquiridas, possa, do exame desses resultados, colher elementos que lhe permitam entrar com ardor novo na tarefa nova.

Há, em suma, que dar ao homem uma visão optimista de si próprio; o homem desiludido e pessimista é um ser inerte, sujeito a todas as renúncias, a todas as derrotas — e derrotas só existem aquelas que se aceitam.

Quando acima falamos num humanismo novo, entendemos como um dos seus constituintes essenciais este elemento de valorização — que o homem, sentindo que a cultura é de todos, participe, por ela, no conjunto de valores colectivos que há-de levar à criação da Cidade Nova.

A Biblioteca Cosmos pretende ser uma pequena pedra desse edifício luminoso que está por construir.

Lisboa, Maio de 1941.

A handwritten signature in cursive script, reading "Paulo Freire". The signature is written in dark ink on a light-colored background.

¹ Estava-se em plena II Guerra Mundial (Nota do editor)